

Danilo Marcondes

# **Textos Básicos de Ética**

De Platão a Foucault



**ZAHAR**

Jorge Zahar Editor

Rio de Janeiro

*A Maria Inês e Danilo, com amor.*

Copyright © 2007, Danilo Marcondes

Copyright desta edição © 2007:  
Jorge Zahar Editor Ltda.  
rua México 31 sobreloja  
20031-144 Rio de Janeiro, RJ  
tel.: (21) 2108-0808 / fax: (21) 2108-0800  
e-mail: jze@zahar.com.br  
site: www.zahar.com.br

Todos os direitos reservados.  
A reprodução não-autorizada desta publicação, no todo  
ou em parte, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.610/98)

Projeto gráfico e composição: Printmark Marketing Editorial  
Capa: Mirian Lerner

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte  
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

---

Marcondes, Danilo, 1953-  
M269t Textos básicos de ética / Danilo Marcondes. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007

Inclui bibliografia  
ISBN 978-85-7110-967-4

1. Ética. 2. Filosofia. I. Título.

06-4595

---

CDD 170  
CDU 17

# Sumário

## Apresentação 9

|                    |  |   |
|--------------------|--|---|
|                    |  | <b>Górgias</b> • O melhor é o mais forte, 18              |
|                    |  | • É melhor sofrer uma injustiça que praticá-la, 23        |
|                    |  | <b>Mênon</b> • O que é a virtude?, 25                     |
| <b>PLATÃO</b>      |  | <b>A República</b> • O Anel de Giges, 30                  |
| 17                 |  | • O Mito da Caverna, 32                                   |
|                    |  | • A natureza humana, 33                                   |
|                    |  | <i>Questões e temas para discussão</i> , 36               |
|                    |  | <i>Leituras sugeridas</i> , 37                            |
|                    |  | <b>Ética a Nicômaco</b> • O conceito de felicidade, 40    |
|                    |  | • A virtude é um hábito, 42                               |
|                    |  | • A doutrina do meio-termo, 42                            |
| <b>ARISTÓTELES</b> |  | • As virtudes intelectuais e a sabedoria                  |
| 39                 |  | prática, 44   |
|                    |  | • A felicidade, 48  |
|                    |  | <i>Questões e temas para discussão</i> , 51               |
|                    |  | <i>Leituras sugeridas</i> , 51                            |
|                    |  | <b>O livre-arbítrio</b> • A origem do livre-arbítrio, 54  |
|                    |  | • O livre-arbítrio e o problema do Mal, 56                |
| <b>SANTO</b>       |  | <b>Confissões</b> • Deus é o autor do Mal?, 58            |
| <b>AGOSTINHO</b>   |  | • Onde está o Mal?, 60                                    |
| 53                 |  | <i>Questões e temas para discussão</i> , 60               |
|                    |  | <i>Leituras sugeridas</i> , 60                            |
|                    |  | <b>Suma teológica</b> • O mal se encontra nas coisas?, 62 |
|                    |  | • O homem possui o livre-arbítrio?, 64                    |
| <b>SÃO TOMÁS</b>   |  | • Se a virtude humana é um hábito, 67                     |
| <b>DE AQUINO</b>   |  | <i>Questões e temas para discussão</i> , 69               |
| 61                 |  | <i>Leituras sugeridas</i> , 69                            |

- DESCARTES**  
 71
- **Discurso do método** • A moral provisória, 72
  - **Meditações metafísicas** • A distinção entre o certo e o errado, 72
  - **As paixões da alma** • A vontade e as paixões da alma, 74
  - *Questões e temas para discussão*, 75
  - *Leituras sugeridas*, 75
- SPINOZA**  
 77
- **Ética** • Definições, 78
  - A virtude, 79
  - *Questões e temas para discussão*, 80
  - *Leituras sugeridas*, 80
- HUME**  
 83
- **Tratado sobre a natureza humana** • As distinções morais não são derivadas da razão, 83
  - *Questões e temas para discussão*, 91
  - *Leituras sugeridas*, 91
- KANT**  
 93
- **Fundamentação da metafísica dos costumes** • O imperativo categórico, 94
  - **Resposta à pergunta: “Que é Esclarecimento?”** • Ética e esclarecimento, 95
  - *Questões e temas para discussão*, 100
  - *Leituras sugeridas*, 101
- KIERKEGAARD**  
 103
- **Temor e tremor** • Ética e fé 104
  - *Questões e temas para discussão*, 109
  - *Leituras sugeridas*, 109
- NIETZSCHE**  
 111
- **Além do bem e do mal** • Dos preconceitos dos filósofos, 112
  - Contribuição à história natural da moral, 115
  - **Genealogia da moral** • Primeira dissertação, 117
  - Segunda dissertação, 123
  - *Questões e temas para discussão*, 125
  - *Leituras sugeridas*, 125

|                    |     |  |
|--------------------|-----|--|
| <b>STUART MILL</b> | 127 | • <b>Utilitarismo</b> • O que é o utilitarismo, 128            |
|                    |     | • <i>Questões e temas para discussão</i> , 130                 |
|                    |     | • <i>Leituras sugeridas</i> , 131                              |
| <b>WEBER</b>       | 133 | • <b>Ciência e política: duas vocações</b> • A política como   |
|                    |     | • vocação, 133   |
|                    |     | • <i>Questões e temas para discussão</i> , 137                 |
|                    |     | • <i>Leituras sugeridas</i> , 137                              |
| <b>FREUD</b>       | 139 | • <b>O mal-estar na civilização</b> • A consciência moral, 140 |
|                    |     | • <i>Questões e temas para discussão</i> , 144                 |
|                    |     | • <i>Leituras sugeridas</i> , 144                              |
| <b>FOUCAULT</b>    | 145 | • <b>O uso dos prazeres</b> • Moral e prática de si, 146       |
|                    |     | • <i>Questões e temas para discussão</i> , 152                 |
|                    |     | • <i>Leituras sugeridas</i> , 152                              |

**Referências dos textos e traduções** 153

**Bibliografia geral** 157

# NIETZSCHE

**N**ascido na Alemanha, filho de um pastor luterano e bastante marcado pelo rigor da religião protestante, Friedrich Nietzsche (1844-1900) foi um dos críticos mais mordazes da moral tradicional desde a filosofia grega até o cristianismo. Pensador radical, propõe uma “transvaloração de todos os valores” (*Ecce Homo*, 1888), visando romper não só com a moral judaico-cristã mas também com a tradição grega desde Sócrates, representativa do racionalismo e da visão unilateral que teria prevalecido em toda a cultura ocidental.

Nietzsche define seu pensamento em *Além do bem e do mal* como uma “crítica da modernidade”. Particularmente no caso da ética, procura mostrar que ela não se fundamenta na razão. A moral cristã se caracteriza pela “moral do rebanho”, em que os indivíduos se deixam levar pela maioria e seguem os ensinamentos da moral tradicional de forma acrítica. É também a moral do “homem do ressentimento”, que assume a culpa e o pecado como características de sua natureza e por isso reprime seus impulsos vitais, sua vontade, sua criatividade, em nome da submissão à autoridade da religião e, por extensão, do Estado e das instituições em geral. Essa é, segundo Nietzsche, a “moral dos fracos”, que consegue se impor aos fortes exatamente através do recurso à culpa e ao remorso inculcados pela tradição em todos os indivíduos.

Sua crítica visa então recuperar os valores afirmativos da vida, que possam dar aos homens um novo impulso em direção à superação de suas limitações por meio do incentivo à vontade, à sensibilidade, à criatividade.

A crítica nietzschiana da tradição filosófica, religiosa e científica, assim como sua discussão sobre a natureza humana através do questionamento dos pressupostos racionalistas da filosofia e da ciência, teve forte influência sobre o pensamento do século XX – pensadores da importância de Freud, Heidegger e Foucault, por exemplo, reconheceram explicitamente essa influência.

.....

**Genealogia da moral • Segunda dissertação**

A segunda dissertação aborda a “psicologia da consciência”, não como sendo “a voz de Deus no homem”, mas o instinto de crueldade que se volta para dentro quando não se pode exteriorizá-lo. “A crueldade é revelada, pela primeira vez, como um dos mais antigos e mais indispensáveis elementos na fundação da cultura.” A terceira é uma resposta à questão sobre a origem do terrível poder do ideal ascético. “Trata-se de três ‘aberturas’ psicológicas decisivas que precedem a transvaloração de todos os valores.”

.....

2. Esta é a longa história da origem da *responsabilidade*. A tarefa de criar um animal capaz de fazer promessas, já percebemos, traz consigo, como condição e preparação, a tarefa mais imediata de tornar o homem até certo ponto necessário, uniforme, igual entre iguais, constante, e portanto confiável. O imenso trabalho daquilo que denominei “moralidade do costume” (cf. *Aurora*, §9, 14, 16) – o autêntico trabalho do homem em si próprio, durante o período mais longo da sua existência, todo esse trabalho *pré-histórico* encontra nisto seu sentido, sua justificação, não obstante o que nele também haja de tirania, dureza, estupidez e idiotismo: com ajuda da moralidade do costume e da camisa-de-força social, o homem foi realmente *tornado* confiável. Mas coloquemo-nos no fim do imenso processo, ali onde a árvore finalmente sazona seus frutos, onde a sociedade e sua moralidade do costume finalmente trazem à luz aquilo para o qual eram apenas o meio: encontramos então, como o fruto mais maduro da sua árvore, o *indivíduo soberano*, igual apenas a si mesmo, novamente liberado da moralidade do costume, indivíduo autônomo supramoral (pois “autônomo” e “moral” se excluem), em suma, o homem da vontade própria, duradoura e independente, o que pode *fazer promessas* – e nele encontramos, vibrante em cada músculo, uma orgulhosa consciência *do que* foi finalmente alcançado e está nele encarnado, uma verdadeira consciência de poder e liberdade, um sentimento de realização. Este liberto ao qual é *permitido* prometer, este senhor do *livre*-arbítrio, este soberano – como não saberia ele da superioridade que assim possui sobre todos os que não podem prometer e responder por si, quanta confiança, quanto temor, quanta reverência desperta – ele “merece” as três coisas – e como, com esse domínio sobre si, lhe é dado também o domínio sobre as circunstâncias, sobre a natureza e todas as criaturas menos seguras e mais pobres de vontade? O homem “livre”, o possuidor de uma duradoura e inquebrantável vontade, tem nesta posse a sua *medida de valor*: olhando para os outros a partir de si, ele honra ou despreza; e tão necessariamente quanto honra os seus iguais, os fortes e confiáveis

(os que *podem* prometer) – ou seja, todo aquele que promete como um soberano, de modo raro, com peso e lentidão, e que é avaro com sua confiança, que *distingue* quando confia, que dá sua palavra como algo seguro, porque sabe que é forte o bastante para mantê-la contra o que for adverso, mesmo “contra o destino” –: do mesmo modo ele reservará seu pontapé para os débeis doidivas que prometem quando não podiam fazê-lo, e o seu chicote para o mentiroso que quebra a palavra já no instante em que a pronuncia. O orgulhoso conhecimento do privilégio extraordinário da *responsabilidade*, a consciência dessa rara liberdade, desse poder sobre si mesmo e o destino, desceu nele até sua mais íntima profundidade e tornou-se instinto, instinto dominante – como chamará ele a esse instinto dominante, supondo que necessite de uma palavra para ele? Mas não há dúvida: este homem soberano o chama de sua *consciência* ...

3. Sua consciência?... Já se percebe que o conceito de “consciência”, com que deparamos aqui em sua manifestação mais alta, quase desconcertante, tem uma longa história e variedade de formas atrás de si. Poder responder por si, e com orgulho, ou seja, poder também *dizer Sim a si mesmo* – isto é, como disse, um fruto maduro, mas também um fruto *tardio*: quanto tempo teve esse fruto que pender da árvore, acre e amargo! E por um tempo ainda mais longo nada se podia ver desse fruto – ninguém podia prometé-lo, embora tudo na árvore estivesse preparado e crescesse justamente em vista dele! – “Como fazer no bicho-homem uma memória? Como gravar algo indelével nessa inteligência voltada para o instante, meio obtusa, meio leviana, nessa encarnação do esquecimento?” ... Esse antiqüíssimo problema, pode-se imaginar, não foi resolvido exatamente com meios e respostas suaves; talvez nada exista de mais terrível e inquietante na pré-história do homem do que a sua *mnemotécnica*. “Grava-se algo a fogo, para que fique na memória: apenas o que não cessa de *causar dor* fica na memória” – eis um axioma da mais antiga (e infelizmente mais duradoura) psicologia da terra. Pode-se mesmo dizer que em toda parte onde, na vida de um homem e de um povo, existem ainda solenidade, gravidade, segredo, cores sombrias, *persiste* algo do terror com que outrora se prometia, se empenhava a palavra, se jurava: é o passado, o mais distante, duro, profundo passado, que nos alcança e que reflui dentro de nós, quando nos tornamos “sérios”. Jamais deixou de haver sangue, martírio e sacrifício, quando o homem sentiu a necessidade de criar em si uma memória; os mais horrendos sacrifícios e penhores (entre eles o sacrifício dos primogênitos), as mais repugnantes mutilações (as castrações, por exemplo), os mais cruéis rituais de todos os cultos religiosos (todas as religiões são, no seu nível mais profundo, sistemas de crueldades) – tudo isso tem origem naquele instinto que divisou na dor o mais poderoso auxiliar da mnemônica. Em determinado sentido isso



inclui todo o ascetismo: algumas idéias devem se tornar indeléveis, onipresentes, inesquecíveis, “fixas”, para que todo o sistema nervoso e intelectual seja hipnotizado por essas “idéias fixas” – e os procedimentos e modos de vida ascéticos são meios para livrar tais idéias da concorrência de todas as demais, para fazê-las “inesquecíveis”. Quanto pior “de memória” a humanidade, tanto mais terrível o aspecto de seus costumes; em especial a dureza das leis penais nos dá uma medida do esforço que lhe custou vencer o esquecimento e manter *presentes*, nesses escravos momentâneos do afeto e da cobiça, algumas elementares exigências do convívio social. ...

---

### Questões e temas para discussão

- 1) Por que para Nietzsche é necessária uma crítica da tradição quanto aos valores morais?
- 2) Como Nietzsche entende que tal análise deve ser feita?
- 3) Como ele caracteriza os “preconceitos dos filósofos”?
- 4) Qual a crítica de Nietzsche ao objetivo dos filósofos de “fundamentar a moral”?
- 5) Como se pode entender o “método genealógico” de Nietzsche?

---

### Leituras sugeridas

Nelson Boeira, *Nietzsche*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2002, col. Passo-a-Passo.

Oswaldo Giacóia, *Labirintos da alma: Nietzsche e a supressão da moral*, Campinas, Unicamp, 1997.

\_\_\_\_\_, *Nietzsche e Para além de bem e mal*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2002, col. Passo-a-Passo.

Ronald Hayman, *Nietzsche*, São Paulo, Unesp, 1999.

Scarlet Marton, *Nietzsche*, São Paulo, Brasiliense, 1999.

\_\_\_\_\_, *Nietzsche: das forças cósmicas aos valores humanos*, Belo Horizonte, UFMG, 2000.

Friedrich Nietzsche, *Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro*, São Paulo, Companhia das Letras, 1992.

\_\_\_\_\_, *Genealogia da moral: uma polêmica*, São Paulo, Companhia das Letras, 1998.